

THEOPHILUS V

REUNIÃO 41



JOEL

PRAENOTANDA

Língua original: Hebraico bíblico profético, com estilo poético e litúrgico, marcado por imagens de catástrofe, penitência e esperança.

Títulos: יוֹאֵל (Yō'el): “Iahweh é Deus”, nome que resume a mensagem central do livro. GREGO – Ἰωήλ (Iōēl): forma da Septuaginta. LATIM – *Joel*: forma conservada por São Jerônimo na Vulgata Clementina.

Tipo de livro (Igreja Católica): Livro profético, pertencente ao grupo dos **Profetas Menores**, com forte caráter escatológico e penitencial.

Classificação na Bíblia Hebraica: *Nevi'im* (Profetas), dentro da coleção dos Doze.

Autor segundo a tradição: O profeta **Joel, filho de Fatuel**, sobre cuja vida pouco se conhece além da identificação presente no próprio livro.

Local dos acontecimentos: Principalmente **Judá e Jerusalém**, com o Templo ocupando lugar central na convocação à penitência e à oração.

Período narrado: A data é objeto de debate. Alguns estudiosos situam Joel no século IX a.C., durante os primeiros tempos da monarquia de Judá, enquanto outros defendem uma composição pós-exílica, entre os séculos V e IV a.C., devido à ausência de referências ao rei e à importância do culto do Templo.

Período da redação: A Igreja não define uma data específica; ambas as hipóteses permanecem possíveis, embora muitos autores contemporâneos favoreçam uma redação pós-exílica.

ESTRUTURA

O Livro de Joel apresenta uma estrutura simples e profundamente teológica, que pode ser compreendida em paralelo entre a **Bíblia de Jerusalém** e a **Vulgata Clementina**.

A primeira grande seção, **Jl 1–2**, corresponde à **Pars Prima – Dei iudicium ad poenitentiam excitat** (“O juízo de Deus conduz à penitência”), precedida pela breve **Inscriptio** (“Inscrição” ou título introdutório). Esta parte é identificada pela Jerusalém como **I. A praga de gafanhotos**, onde a devastação da terra se torna sinal do Dia do Senhor e chamado urgente à conversão.

A segunda seção, **Jl 3–4** (equivalente a Jl 2,28–3,21 em algumas numerações), corresponde à **Pars Altera – Fructus poenitentiae** (“Os frutos da penitência”), apresentada pela Jerusalém como **II. A nova era e o Dia de Iahweh**. Nela, após a conversão do povo, Deus promete restaurar a terra, derramar o seu Espírito sobre toda carne e manifestar sua justiça entre as nações. Assim, tanto a Jerusalém

quanto a Vulgata revelam o mesmo movimento espiritual: do juízo que chama à conversão à restauração que nasce da misericórdia divina, culminando na promessa da efusão do Espírito e na renovação do povo de Deus.

MEGATEMAS

O Livro de Joel desenvolve três grandes temas que revelam a dinâmica da ação de Deus na história. O primeiro é a **punição**, simbolizada pela devastadora praga de gafanhotos e pela seca que atingem a terra, sinais do chamado divino à conversão e do juízo sobre o pecado. Contudo, o objetivo de Deus não é a destruição, mas o **perdão**: por isso o profeta conclama o povo a voltar-se ao Senhor “de todo o coração”, lembrando que Deus é misericordioso, compassivo e rico em amor. A resposta sincera à conversão abre caminho para a restauração da terra e da Aliança. Finalmente, o livro culmina na promessa da **efusão do Espírito**, quando Deus derramará o seu Espírito sobre toda carne, sem distinção de idade, condição ou estado de vida. Essa profecia, citada por São Pedro no dia de Pentecostes, encontra seu pleno cumprimento na Igreja e manifesta a renovação definitiva que Deus deseja realizar em seu povo.

I. A PRAGA DE GAFANHOTOS

Invasão de Gafanhotos que gera uma liturgia de luto e súplica - Resposta de Iahweh é a promessa do fim da praga e a volta da abundância.

1. LITURGIA DE LUTO E DE SÚPLICA

• 1- Lamentação sobre a desolação do país

Em Joel 1,4, o profeta descreve a devastação da terra por meio de quatro termos hebraicos distintos para gafanhoto: **gāzām** (גָּזָאִם), “o cortador”; **’arbeh** (אַרְבֵּה), o gafanhoto propriamente dito, “o devastador” ou “o multiplicador”; **yeleq** (יֵלֵק), “o saltador” ou “o devorador”; e **hāsîl** (חָסִיל), “o descascador” ou “o consumidor”. Muitos estudiosos entendem que esses nomes podem corresponder às diferentes fases do desenvolvimento do inseto, enquanto outros os interpretam como diferentes tipos de gafanhotos. O mais importante, porém, é a imagem teológica construída por Joel: aquilo que um deixou, o outro consumiu; aquilo que escapou da primeira invasão foi destruído pela segunda, terceira e quarta. Trata-se de uma devastação completa.

A descrição lembra as pragas do Egito e evoca o tema do juízo divino. Nada permanece intacto. A terra, as colheitas, as vinhas e as oliveiras são progressivamente consumidas. Joel utiliza essa imagem para ensinar que o pecado produz uma destruição semelhante: quando não é combatido, avança pouco a pouco, consumindo tudo. Ao mesmo tempo, a praga torna-se um chamado à conversão. O objetivo de Deus não é a ruína do povo, mas despertá-lo para o arrependimento e prepará-lo para a restauração que virá depois. Assim, os quatro gafanhotos simbolizam não apenas uma catástrofe agrícola, mas também a gravidade do pecado e a urgência do retorno ao Senhor.

- **Apelo à penitência e à oração**
- **2- Alarme no dia de Iahweh**
- **A invasão dos gafanhotos**

A imagem dos gafanhotos nada mais é do que o exército de Iahweh - Falamos do Dia de Iahweh, escatologia, o julgamento final

- **Visão do dia de Iahweh**
- **Apelo à penitência**

2. RESPOSTA DE IAHWEH

- **Fim do flagelo e libertação**
- **Visão da abundância**

II. A NOVA ERA E O DIA DE IAHWEH

Julgamento das nações e a vitória definitiva de Iahweh e de Israel em estilo apocalíptico.

1. EFUSÃO DO ESPÍRITO

• **3- Escatologia**

Em Joel 3, o profeta olha para o futuro e descreve os tempos escatológicos, isto é, os tempos definitivos da ação de Deus. O famoso anúncio da efusão do Espírito aparece ligado ao Dia de Iahweh, quando Deus intervirá para julgar, salvar e renovar o seu povo. Não se trata apenas de um acontecimento isolado, mas da inauguração de uma nova era da história da salvação, marcada pela presença transformadora do Espírito Santo.

NM 11,29

A profecia de Joel retoma um desejo muito antigo da história de Israel. Em **Números 11,29**, Moisés exclama:

Enquanto no Antigo Testamento o Espírito era concedido apenas a algumas pessoas para missões específicas, Moisés sonha com o dia em que todo o povo participará desse dom. Joel apresenta justamente o cumprimento dessa esperança, anunciando que filhos, filhas, jovens, velhos, servos e servas receberão o Espírito de Deus.

AT 2,17

Em **Atos 2,17**, São Pedro cita explicitamente Joel para explicar o que acontece em Pentecostes:

Pedro afirma que a profecia começou a cumprir-se naquele momento. O Espírito Santo desce sobre os Apóstolos e inaugura os tempos messiânicos anunciados pelos profetas. Assim, aquilo que foi desejado por Moisés, prometido por Joel e esperado por Israel encontra seu cumprimento na Igreja nascente. Pentecostes torna-se o sinal de que a nova era começou e que o Espírito de Deus foi dado a todo o povo dos fiéis.

2. O JULGAMENTO DOS POVOS

- **4- Temas gerais**
- **Ataque contra os fenícios e os filisteus**
- **Convocação dos povos**
- **O dia de Iahweh**

3. ERA PARADISIACA DA RESTAURAÇÃO DE ISRAEL

— FIM DO LIVRO DE JOEL —

DANIEL

PRAENOTANDA

Língua original: O Livro de Daniel foi escrito em duas línguas: **hebraico bíblico** (Dn 1,1–2,4a; 8–12) e **aramaico bíblico** (Dn 2,4b–7,28), além das seções deuteroacanônicas preservadas em grego.

Títulos: דַּנְיֵיִל (*Daniyyel*): “Deus é meu juiz”. GREGO – Δανιήλ (*Daniēl*): forma da Septuaginta. LATIM – *Daniel*: forma conservada por São Jerônimo na Vulgata Clementina.

Tipo de livro (Igreja Católica): Livro profético com características sapiencial-apocalípticas, pertencente aos Profetas Maiores na tradição cristã.

Classificação na Bíblia Hebraica: *Ketuvim* (Escritos), e não entre os Profetas.

Autor segundo a tradição: A tradição judaica e cristã atribui o livro ao profeta **Daniel**, judeu deportado para a Babilônia durante o Exílio. A exegese católica reconhece que o livro conserva tradições antigas ligadas a Daniel, embora sua redação final provavelmente tenha ocorrido durante a perseguição de Antíoco IV Epífanes, no século II a.C.

Local dos acontecimentos: Principalmente **Babilônia** e, posteriormente, o ambiente dos impérios medo-persa e helenístico, embora as visões transcendam o contexto histórico imediato.

Período narrado: Desde a deportação de Daniel para a Babilônia por volta de 605 a.C. até as visões situadas durante os reinados de Nabucodonosor, Baltazar, Dario e Ciro.

Período da redação: A forma final do livro é geralmente situada entre 167 e 164 a.C., durante a perseguição de Antíoco IV, utilizando personagens e cenários do Exílio para transmitir esperança ao povo perseguido.

ESTRUTURA

O Livro de Daniel apresenta uma estrutura bem definida, que pode ser compreendida em paralelo entre a **Bíblia de Jerusalém** e a **Vulgata Clementina**. A primeira grande seção, **Dn 1–6**, corresponde à **Pars Prior – Historia Danielis** (“**História de Daniel**”), identificada pela Jerusalém como **A. Vida de Daniel**, reunindo os relatos da fidelidade de Daniel e de seus companheiros na corte babilônica, incluindo episódios como a fornalha ardente, a escrita na parede e a cova dos leões.

A segunda seção, **Dn 7–12**, corresponde à **Pars Altera – Visiones propheticae** (“**Visões proféticas**”), apresentada pela Jerusalém como **B. Visões de Daniel**, onde se encontram as grandes revelações apocalípticas sobre os impérios da história, o Filho do Homem, a perseguição dos santos e a vitória final do Reino de Deus.

Por fim, **Dn 13–14** constituem o **Appendix** (“**Apêndice**”) da Vulgata, identificado pela Jerusalém como **C. Adições gregas**, reunindo os relatos de Susana, Bel e o Dragão, preservados na tradição grega e reconhecidos pela Igreja Católica como deuteroacanônicos. Assim, o livro passa da fidelidade dos justos no meio das provações à revelação dos desígnios divinos para a história, culminando em narrativas que reforçam a sabedoria, a justiça e a soberania de Deus.

MEGATEMAS

O Livro de Daniel desenvolve temas fundamentais para a fé do povo de Deus em tempos de crise. O primeiro é que **Iahweh está no controle**, pois, apesar da sucessão de impérios, reis e perseguições, a história permanece sob o governo soberano de Deus, que conduz todas as coisas segundo o seu plano. Unido a isso aparece o tema do **propósito na vida**, visível na figura de Daniel e de

seus companheiros, que compreendem sua vocação e permanecem firmes mesmo em ambiente hostil à fé. O livro destaca também a **perseverança**, apresentando o exemplo daqueles que suportam provações, perseguições e sofrimentos sem abandonar a confiança no Senhor. Por fim, resplandece a **fidelidade do Senhor**, que protege os seus servos, cumpre suas promessas e conduz os justos à vitória final, mostrando que nenhum poder terreno pode frustrar os desígnios de Deus.

A. VIDA DE DANIEL

OS JOVENS HEBREUS NA CORTE DE NABUCODONOSOR

- 1-

Daniel e 3 companheiros a serviço de Nabucco têm nomes que incorporam o nome de Deus (o elemento hebraico é 'el, Daniel e Misael, que significa "Deus", ou yah, Ananias e Azarias, que é a abreviação de "Yah-weh"). Seus novos nomes, que os marcam como servos de Nabucodonosor, fazem referência aos nomes das divindades babilônicas ("Bel", Baltassar - "Aku", Sidrac e Misac - e "Nabu/Nego", Abdênago).

Daniel - Baltassar

Ananias - Sidrac

Misael - Misac

Azarias - Abdênago

Neste primeiro capítulo vemos claramente como apenas comer legumes e beber água engorda mais do que comer os manjares e o vinho da mesa real.

O SONHO DE NABUCODONOSOR: A ESTÁTUA COMPÓSITA

O sonho de Nabucco - a estátua composta de elementos diversos

- 2- O rei interroga seus advinhos

O Rei interrogando os caldeus fica irritado com sua resposta e decide acabar com todos os magos. Lembrar-se dos sonhos de Abraão, Abimelec e Jacó

- **Intervenção de Daniel**

Daniel então consegue uma audiência com o rei e lhe conta sobre o seu sonho e a interpretação correta dele.

Vamos ler juntos Dn 2,17-18 - Vejam a palavra Mistério! Agora vamos para uma aulinha de hebraico! **Raz** (Aram.): um empréstimo persa que significa "segredo" ou "mistério". O termo é usado no AT somente no Livro de Daniel, onde aparece nove vezes em conexão com os sonhos do rei Nabucodonosor. O mistério se refere ao simbolismo profético criptografado nos sonhos do rei. A revelação divina é necessária para entender isso.

A associação forjada entre "mistério" e "reino" em Daniel parece ser o pano de fundo mais provável para o ensino de Jesus sobre o mistério do reino de Deus. Fora da Bíblia, a palavra aramaica **raz** aparece nos Manuscritos do Mar Morto, onde se refere aos mistérios do futuro, aos mistérios dos caminhos de Deus no céu e aos mistérios proferidos pelos profetas bíblicos.

- **Profissão de fé do rei**

O rei então fica contente com a interpretação correta e transforma Daniel em chefe supremo de todos os sábios da Babilônia e seus companheiros se tornam administradores dos negócios da província da Babilônia.

Vamos ler Dn 2,44-45 - Este pulverizar! Jesus faz alusão a essa passagem quando descreve a si mesmo como uma "pedra" que cairá sobre alguns e os "esmagará" em Lc 20,18.

São Jerônimo nos diz que: No período final desses impérios, uma pedra, ou seja, o Senhor e Salvador, foi cortada sem mãos, o que significa que ele nasceu do ventre de uma virgem sem união sexual ou semente humana.

Outros teólogos antigos, como Santo Hipólito e São Irineu relacionam a pedra esmagada à Segunda Vinda de Cristo.

ADORAÇÃO DA ESTÁTUA DE OURO

A adoração da estátua de ouro e os 3 companheiros de Daniel na fornalha

- **3- Nabucodonosor levanta uma estátua de ouro**

Instrumentos musicais: trombeta, flauta, cítara, sambuca, saltério, cornamusa...

- **Denúncia e condenação dos judeus**

Os três companheiros são amarrados e jogados na fornalha seca por não se prostrar diante ao ídolo

- **Cântico de Azarias na fornalha**

O Anjo do Senhor expelle a chama do fogo! Você pode reparar se a sua Bíblia é Católica ou não com essa passagem! Os Protestantes não tem essa passagem nos livros deles. Se a sua Bíblia tem apenas 30 versículos no capítulo 3 e não tem os cânticos de Azarias e dos 3 jovens é hora de doar esse livro e comprar uma Bíblia Católica. A Igreja Católica considera que as partes tidas como "deuterocanônicas" de Daniel são totalmente inspiradas e canônicas (Concílio de Trento, sessão 4, decreto 1).

- **Cântico dos três jovens**

Belíssimo cântico - Liturgia das horas

- **Reconhecimento do milagre**

Vamos ler juntos Dn 3,95(25) - São Jerônimo nos diz que: O anjo ou filho de Deus prefigura o Senhor Jesus, que desceu à fornalha do Hades, onde tanto os pecadores quanto os santos estavam aprisionados, a fim de libertar aqueles que estavam presos pelas correntes da morte, sem que ele próprio sofresse qualquer queimadura do fogo.

O SONHO PREMONITÓRIO E A LOUCURA DE NABUCODONOSOR

A loucura de Nabucco

- **Nabucodonosor relata seu sonho**

O sonho com a árvore e a sentença dos Vigilantes

- **Daniel interpreta o sonho**

A árvore é o próprio rei e ele será expulso de entre os homens

- **O sonho torna-se realidade**

Nabuco não recuperou seu estado normal senão ao converter-se ao verdadeiro Deus. São Cipriano nos diz que Deus é satisfeito pelas obras de justiça, e os pecados são lavados pelos méritos da misericórdia. Daniel prescreveu esse remédio para evitar males. Mas quando o rei Nabucodonosor se recusou a obedecer, ele foi cercado de infortúnios que poderia ter evitado se tivesse redimido seus pecados por meio de esmolas.

O FESTIM DE BALTAZAR

- 5-

Inscrição: Menê, Menê, Teqel, Parsin

A mensagem enigmática se refere a três pesos ou unidades monetárias: a mina, o shekel e a parsa. Nesse contexto, a linguagem da transação comercial aponta para a transição política que logo resultaria da conquista da Babilônia pela Pérsia. Daniel reforça essa mensagem de julgamento com uma série de trocadilhos verbais: MENÊ se assemelha a um verbo que significa "numerar"; TEQEL se assemelha a um verbo que significa "pesar"; e PARSIN se assemelha a um verbo que significa "dividir" e também ao substantivo "persas".

Dario, o medo toma o poder pois o rei Baltazar morre.

DANIEL NA COVA DOS LEÕES

- 6- Inveja dos sártrapas

- Oração de Daniel

Vamos ler juntos essa passagem? Dn 6,11 - Chamo a atenção a 3 pontos - 1) “Direção de Jerusalém” - oração direcionada a Cidade Santa, inspirado nas palavras de Salomão na dedicação do Templo. 2) “de joelhos” - As Escrituras nos apresentam diversas vezes a prática de nos ajoelharmos para rezar! 3) “Três vezes por dia” - Muito provavelmente de manhã, ao meio-dia e a noite.

Vejam o que São Jerônimo nos diz sobre essa passagem: Aprendemos com essa passagem a não nos expormos desnecessariamente ao perigo; em vez disso, na medida em que nos for possível, devemos evitar os esquemas de nossos inimigos. No caso de Daniel, ele vai contra a autoridade do rei, não em um ambiente público, mas em um lugar privado, para não negligenciar os mandamentos do único Deus verdadeiro.

- Daniel atirado aos leões

- Profissão de fé do rei

Daniel passa então pelos reinados de Nabuco, Dario e agora chega no reinado de Ciro, o persa.

B. VISÕES DE DANIEL

SONHO DE DANIEL: AS QUATRO FERAS

- 7- A visão das feras

O sentido escatológico profundo desta visão histórica é indicado mais claramente em Ap 13. O sonho de Daniel é paralelo ao sonho de Nabucodonosor. Ambos representam uma sucessão de impérios do Oriente Próximo que dá lugar ao reino messiânico de Deus.

1) o leão alado como a Neobabilônia, muitas vezes retratada como uma esfinge na arte mesopotâmica;

2) o urso como a Medo-Pérsia, sendo que as três costelas em seus dentes representam as três maiores conquistas da Lídia (547 a.c.), Babilônia (539 a.c.) e Egito (525 a.c.);

3) o leopardo como a Grécia, que ampliou seu domínio com incrível velocidade, tendo quatro asas e cabeças que representam os quatro generais de Alexandre, o Grande, que herdaram seu vasto império;

4) a besta indescritível como Roma, cujos chifres são seus imperadores e cujo território e poderio militar superaram todos os predecessores.

- **Visão do Ancião e do Filho do Homem**

A imagem dos livros abertos, o livro da vida, Dies Irae.

São Justino Mártir nos diz que as palavras "como um filho de homem" mostram que Cristo se tornaria homem e apareceria dessa forma, mas não nasceria de semente humana. Daniel pronunciou a mesma verdade de forma figurativa quando o chamou de "uma pedra não cortada por mão humana".

São Jerônimo completa: Aquele que foi descrito no sonho de Nabucodonosor como uma pedra cortada sem mãos é agora apresentado como o filho do homem, prefigurando o Filho de Deus, que toma para si a carne humana.

- **Interpretação da visão**

VISÃO DE DANIEL: O CARNEIRO E O BODE

- **8- A visão**

Os dois chifres. O mais alto é o poderio persa que prevalece sob a potência dos medos

O bode é a imagem de Alexandre - A morte de Alexandre

- **O anjo Gabriel explica a visão**

Visão se refere ao tempo do Fim - Vamos ler juntos Dn 9,24-27?

São Jerônimo nos diz que nenhum dos profetas fala tão claramente sobre Cristo quanto Daniel. Ele não apenas afirma sua vinda, uma previsão comum a outros profetas, mas também indica o tempo de sua vinda.

A PROFECIA DAS SETENTA SEMANAS

- **9- Oração de Daniel**

- **O anjo Gabriel explica a profecia**

A GRANDE VISÃO

O TEMPO DA CÓLERA

- **10- Visão do homem vestido de linho**

- **Aparição do anjo**

Vamos ler Dn 10,13a - São Tomás de Aquino em sua Suma Teológica diz que os julgamentos divinos relacionados a reinos e povos são realizados por anjos, cujas ações são regidas por decreto divino. Mas quando os reinos e povos têm méritos e deméritos contrários, de modo que um desses reinos ou povos é governado por outro, essa é uma questão de sabedoria divina que os anjos não podem conhecer a menos que Deus lhes revele. Diz-se que os anjos resistem uns aos outros na medida em que consultam a vontade de Deus sobre méritos contrários. Suas vontades não estão em oposição, apenas os assuntos sobre os quais eles buscam conhecimento.

- **O anúncio profético**

- **11- Primeiras guerras entre Selêucidas e Lágidas**

- **Antíoco Epífanes**

O TEMPO DO FIM

- **Fim do perseguidor**

- **12- Ressurreição e retribuição**

- **A profecia lacrada**

C. ADIÇÕES GREGAS

Esses últimos capítulos sobreviveram apenas no grego mas é muito provável que tenham sido escritos em hebraico ou aramaico! Vamos ver o que o Concílio de Trento nos fala sobre esses dois últimos capítulos! Nenhum dos capítulos está incluído no cânone bíblico aceito pelo judaísmo rabínico e pelo protestantismo histórico, mas a Igreja Católica os considera textos totalmente inspirados e canônicos das Escrituras (Concílio de Trento, sessão 4, decreto 1). Ou seja...

SUSANA E O JULGAMENTO DE DANIEL

- **13-**

Joaquim & Susana

Após a história do julgamento de Susana e dos dois anciãos, Daniel torna-se grande aos olhos do povo! São João Crisóstomo nos diz que Deus permitiu a disputa a fim de tornar conhecida a castidade de Susana. Ela suportou uma luta intensa, mais intensa do que a do patriarca José. Pois ele, um homem, lutou contra uma mulher; mas Susana, uma mulher, lutou contra dois homens e foi apresentada como um espetáculo diante de homens e anjos. Mesmo assim, nada poderia abalar sua fortaleza. - Parábola de hoje (Joio e Trigo) - Deus permite o Joio para a virtude do Trigo.

Santo Hipólito diz que Susana é um tipo da Igreja, e seu marido Joaquim é um tipo de Cristo. Os dois anciãos prefiguram aqueles que conspiram contra a Igreja e julgam os justos injustamente. Eles se esforçam para afligir a Igreja, com a intenção de corrompê-la, mas não concordam um com o outro.

BEL E A SERPENTE

- **14- Daniel e os sacerdotes de Bel**

O título dessa passagem nos LXX seria: “Da profecia de Habacuc, filho de Josué, da tribo de Levi.”

- **Daniel mata a serpente**

Após Daniel ter desmascarado a mentira do deus Mal e agora ter matado a serpente que eram venerados pelos babilônios, o povo se indica com o rei e pedem para que Daniel seja entregue se não seria o rei e sua família que morreriam. O rei concede.

- **Daniel na cova dos leões**

O livro termina com uma duplicata da passagem com os leões, dessa vez com a intervenção de Habacuc.

— **FIM DO LIVRO DE DANIEL** —